



OS IMIGRANTES COREANOS NA REMODELAÇÃO DO BAIRRO DO BOM RETIRO, NA CIDADE DE SÃO PAULO - SP: TRANSFORMAÇÕES, VIDA COMUNITÁRIA E TERRITORIALIZAÇÕES

Marísia Margarida Santiago Buitoni

Marisia.uerj@gmail.com¹

Henoch Gabriel Mandelbaum

henoch@usp.br²

Resumo

O Brasil abriga aproximadamente 50 mil imigrantes coreanos e descendentes, sendo que a grande maioria desses está concentrada na cidade de São Paulo. Nesta pesquisa, a relação sociedade/espço teve como sujeitos os imigrantes coreanos e sua territorialização no bairro do Bom Retiro, em São Paulo. A análise priorizou as transformações do espaço urbano empreendidas pelos imigrantes ao longo de sua história; a vida comunitária que se desenvolveu nesse espaço, até o momento da pesquisa; e as ações que propiciaram a formação de territórios-rede por parte dos imigrantes. A metodologia empregada foi a revisão bibliográfica de livros e artigos acadêmicos que tratam da história do Bom Retiro e da presença coreana em São Paulo, além dos aportes teóricos sobre os processos de migração e de territorialização, que compreendem desde a “desterritorialização” da comunidade alóctone até a sua “reterritorialização” no novo ambiente. Observações em campo também foram realizadas, sendo que as transformações na paisagem e as relações atuais do bairro constam ao longo do texto. Concluída a pesquisa acadêmica, que além de coreanos também analisa migrações de japoneses e chineses para São Paulo, o novo desafio consistiu em estabelecer um diálogo com a prática de ensino em Geografia, de modo a utilizar os resultados obtidos na pesquisa para contribuir com o trabalho docente no desenvolvimento dos conceitos básicos da Geografia como espaço, lugar, território e região, além de temas como migrações internacionais, culturas orientais e identidades regionais no Ensino de Geografia. Tal continuidade foi pensada, considerando-se que ainda há pouca contribuição para discutir a presença coreana nos materiais didáticos, apesar de possibilidades de trabalho com a temática serem sugeridas em propostas, diretrizes e orientações curriculares ou, atualmente, em bases comuns nacionais.

Palavras-chave: Migração coreana; Cidade de São Paulo; Territorialidades. Ensino de Geografia

¹ Prof.^a Adjunta do Instituto de Geografia da Universidade Estadual do Rio de Janeiro. Esta pesquisa foi iniciada como parte de IC realizada na PUC-SP, sobre migrações orientais para a Cidade de São Paulo, sendo retomada no ano passado, para continuidade, como livre pesquisa dos autores.

² Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Ciência Política da Universidade de São Paulo (USP). Integra o grupo Pensamento e Política no Brasil, vinculado ao Centro de Estudos dos Direitos da Cidadania (CENEDIC/USP). Associado à Midwest Political Science Association (MPSA).

Introdução

Em 2018, o Brasil celebrou os 55 anos da imigração coreana no Brasil. Segundo o Ministério de Negócios Estrangeiros e Comércio da Coreia do Sul, a comunidade coreana no Brasil possuía 49.511 pessoas em 2013, cerca de 96,4% dela residindo na cidade de São Paulo (1991). Nesta metrópole, a comunidade se concentra nos bairros do Bom Retiro, Brás, Liberdade, Aclimação, Santana, Perdizes e Paraíso, onde está estabelecida a maior parte dos membros de classe média, enquanto os bairros do Higienópolis, Morumbi e Jardins abrigam aqueles pertencentes à classe alta (MINISTRY OF FOREIGN AFFAIRS AND TRADE, 2013; YANG, 2011).

Os dados apontam que 50% dos coreanos se dedicam ao comércio atacadista de roupas, 15% ao comércio varejista, 20% são proprietários de confecção, 5% vendedores e somente 1% são profissionais liberais (1995). Além disso, 46% dos filhos de coreanos trabalham no negócio da família (2005). Existem 3.200 empresas de coreanos no Brasil, que se concentram no ramo da confecção e informática (FREITAS, 2004; MERA, 2005; SOARES, 2009).

A relação sociedade/espaço, tendo como sujeitos os imigrantes coreanos e sua territorialização no bairro do Bom Retiro, na Cidade de São Paulo, foi desenvolvida a partir de três elementos: a) transformações do espaço urbano empreendidas pelos imigrantes, ao longo de sua história; b) especificidades da vida comunitária, que se desenvolveu nesse espaço, até o momento da pesquisa; c) ações que propiciaram a formação de territórios-rede por parte dos imigrantes e seus desdobramentos.

A investigação foi realizada por meio de extenso levantamento bibliográfico, como livros, revistas acadêmicas, trabalhos científicos, relatórios de agências governamentais nacionais e estrangeiras, além de visitas ao bairro do Bom Retiro para que fosse possível apreender a forma como se deu a apropriação do espaço urbano pelos integrantes da comunidade coreana.

Coreanos no Bom Retiro: Tecendo sonhos

O começo da ocupação do atual bairro do Bom Retiro data do início do século XIX. Na época, os terrenos que hoje conformam o bairro eram chamados de Campos de Guaré e



possuíam sítios de recreio e chácaras banhadas pelo Rio Tietê. Durante a maior parte do século XIX, o Bom Retiro foi uma região intermediária entre a zona rural e a urbana.

Em 1860, instalou-se no bairro a primeira grande olaria da cidade, a Olaria Manfred, que retirava a argila das várzeas do Tietê e era de propriedade do imigrante judeu alsaciano Manfred Mayer. Mas, a urbanização do Bom Retiro ocorreu apenas na década de 1880, pela venda e revenda de lotes dos terrenos das chácaras, cujas transações imobiliárias (compra e venda, hipoteca, edital de praça e inventário) eram realizadas em sua grande maioria por imigrantes italianos, portugueses e espanhóis (TRUZZI, 2001).

O ano de 1965 é o ano em que os imigrantes coreanos que chegaram ao Brasil através da Bolívia e os que deixaram as fazendas nas áreas rurais, devido às experiências agrícolas fracassadas, se dirigem para a cidade de São Paulo. A necessidade de prover o sustento familiar e a preocupação com a educação dos filhos os atraíram para a capital paulista (YANG, 2011).

Muitos desses imigrantes, para sobreviver praticavam o *bendê*, que era a venda de produtos de casa em casa e o termo era oriundo da palavra portuguesa “vender”, que para eles, soava dessa forma. Hoje existe a tendência de usar a palavra *bendê* para designar a venda de produtos relacionados à fabricação de roupas, como tecidos e aviamentos. Porém, na época, o termo se referia à venda em domicílio de quaisquer produtos trazidos da Coreia que se acreditava que valia a pena vender.

O período do *bendê* foi crescendo indefinidamente e um novo o sucedeu: o da costura. Esse ciclo começou por volta de 1968, quando a demanda pelos produtos comercializados pelos ambulantes coreanos começou a aumentar e os imigrantes ficaram sem roupas para vender. Aqueles que não encontraram outras atividades que lhes garantissem o sustento, voltaram-se para a costura (YANG, 2011).

Outros locais importantes para a sociabilidade são os restaurantes e associações da colônia. Em todos esses casos, as pessoas que fazem parte de um mesmo círculo podem formar um *kye*, uma espécie de consórcio voltado para reunir capitais que serão revertidos para um determinado objetivo perseguido por seus membros. É uma estratégia comum utilizada na montagem do próprio negócio (TRUZZI, 2001).

A pesquisa indicou que os coreanos contribuíram fortemente pela requalificação do Bom Retiro, processo que o transformou em um dos pontos comerciais mais caros da cidade de São Paulo. Ao se observar a paisagem das ruas Aimorés e Cesare Lombroso, onde se concentram as lojas atacadistas modernas dos imigrantes coreanos, é possível constatar a magnitude das transformações em curso: qualquer pessoa que se deslocar do comércio popular (atacadista e varejista), das ruas adjacentes e do bairro do Brás, por entre calçadas estreitas apinhadas de pessoas e comércio ambulante, passando pela paisagem cinzenta e relativamente vazia dos lugares onde se encontravam as antigas fábricas da região, vai perceber o contraste. As ruas do comércio coreano lançam o observador a uma espécie de shopping a céu aberto, com lojas amplas, vitrines altas e vendedoras impecavelmente trajadas com as roupas de coleção, misturando-se a calçadas mais limpas, sem fios nos postes e com uma segurança reforçada, bastante evidente, em frente às lojas, que permite uma circulação confortável de pessoas e carros, geralmente, importados (FREITAS, 2010).

Vida Comunitária dos Imigrantes Coreanos

O Bom Retiro é o lugar onde se desenvolve a maior parte vida religiosa da comunidade coreana em São Paulo. Atualmente, existem 42 igrejas protestantes, 1 igreja católica, 1 templo de *Testemunhas de Jeová* e 1 templo budista coreano. A esmagadora maioria dos imigrantes frequenta as igrejas de denominação protestante e essas instituições religiosas foram muito importantes para o estabelecimento da comunidade no Brasil, pois um pastor sempre acompanhava as levas de imigrantes, para conceder suporte psicológico a eles. Elas são responsáveis pelo estabelecimento de redes sociais entre os adeptos, como é o caso das “fazendas”, que é o nome dado ao encontro semanal de um pequeno grupo, em que cristãos e não-cristãos se reúnem. As reuniões iniciam com momentos de louvor e adoração onde a dinâmica semanal é relembada. Na reunião também há a instrução e o compartilhamento de ensinamentos bíblicos e culmina com um momento de oração pelos problemas dos “irmãos” e dos temas que surgem durante a semana. O nome “fazenda” é uma alusão à tradição rural coreana e associa o pastor a um servo que cuida do rebanho e os “fazendistas” são os responsáveis pela produção. Muitos desses encontros são realizados exclusivamente em língua coreana (SILVA; PARK, 2009). As igrejas coreanas são igualmente eficientes na congregação das gerações jovens na comunidade de fiéis promovendo a sua união por meio da transmissão



de valores cristãos, de valores morais e do idioma coreano. Park (2009) demonstrou que 89% dos descendentes de coreanos nascidos nos anos 1990 frequentam uma igreja coreana semanalmente e destes, 94% frequentavam igrejas protestantes.

Os fiéis das igrejas coreanas no Brasil são informados sobre as notícias das outras igrejas coreanas presentes nos Estados Unidos e na própria Coreia do Sul, porque geralmente a sede da igreja que frequentam fica em um desses dois países e às vezes os pastores são originários desses lugares. Eles também são noticiados sobre o sucesso profissional dos conterrâneos nesses lugares, o que anima a sua busca por sucesso aqui. O principal veículo de comunicação é o *Nammi Christian Weekly*, um informativo semanal (YANG, 2011).

No Bom Retiro, as bancas que vendem os jornais da comunidade coreana são onipresentes. Existem quatro jornais principais escritos em língua coreana: o *Josun Ilbo*, fundado em 1987, o *Jung-Ang Ilbo*, lançado em 1995, o *Nammi Dong-A Ilbo*, fundado em 1987 e o *Hanguk Ilbo*, criado em 1954 (KIM, 2008). Basicamente, todos esses jornais tratam de diversos temas, como “cotidiano”, “economia”, “cultura”, “política”, “mundo” e servem como fonte de informações sobre o Brasil e a Coreia. Notícias sobre cantores e atores coreanos atraem muitos jovens descendentes e é comum vê-los escutando *K-pop* (música popular coreana) em seus *smartphones*. Os jornais também informam sobre as telenovelas coreanas, que são acompanhadas pela geração mais velha, mas também pelos jovens, que as assistem pela Internet (YANG, 2011).

Há também grande presença de escolas de coreano de caráter privado e religioso no Bom Retiro e Brás, bairros paulistanos com as maiores concentrações de imigrantes e descendentes coreanos. Das 22 escolas de coreano em todo o Brasil, 16 se encontram na cidade de São Paulo. A maioria delas é administrada pelas igrejas da comunidade coreana ou pelas pré-escolas coreanas, que geralmente realizam as aulas aos sábados. O *Centro de Educação Coreana*, órgão pertencente ao *Ministério da Educação da Coreia*, encarregado de auxiliar a educação coreana aos coreanos e descendentes que vivem no exterior, fornecendo materiais didáticos, apoio financeiro parcial e organiza atividades de incentivo à educação coreana, reunindo tanto educadores quanto educandos (FARIA, 2010; YANG, 2011).

A língua coreana está presente no cotidiano do bairro, principalmente nas placas dos restaurantes de comida típica e nos CDs e DVDs de filmes e música coreana que são vendidos

nos estabelecimentos comerciais locais. Segundo Park (2009), aproximadamente 48% dos descendentes de coreanos falam a língua em casa e 19% deles fala em coreano com os amigos, 18% na igreja e 11% na escola.

Migração Coreana: Da “desterritorialização” à multiterritorialidade

A análise do processo de remodelação do bairro do Bom Retiro demonstrou que houve um movimento das populações imigrantes a partir da “desterritorialização” (que é um mito, como será explicado adiante), passando pela “reterritorialização” e que culminou com a multiterritorialidade. A trajetória da diáspora iniciou-se com um processo “desterritorializante”, um “desenraizamento”, uma “deslocalização”, um abandono da terra natal. No entanto, isso não configura uma “desterritorialização”, porque, no exterior, o migrante se encontra envolvido na teia de relações garantida pelo grupo de migrantes, de modo que, mesmo em locais muito distantes do *homeland*, acaba se sentindo “em casa” e reinventa o “lar” no seio de uma diáspora globalmente estruturada. A “desterritorialização” em si é um mito porque não existe homem sem território. E essa “rede” lhe fornece parâmetros culturais familiares.

A segunda etapa é a “reterritorialização”, a produção de novos territórios. Todos esses territórios têm elevada carga simbólica, imersos no mundo da produção de imagens e simulacros. Utilizemos as paisagens da Liberdade como exemplos: lojas de porcelana, academias de artes marciais, ideogramas japoneses nas placas de restaurantes, todas virtualizações do *homeland* de origem da diáspora japonesa que tornam esses bairros mais “típicos” do que qualquer cidade moderna do Japão.

Tal paisagem tem a função de preservar a memória e as tradições desses grupos étnicos, integrando a comunidade e facilitando a ajuda mútua, o que não deixa de possuir um caráter que é simultaneamente coercitivo, pois esse processo propicia a vigilância por parte da comunidade do comportamento de seus membros, podendo exigir dele a manutenção da cultura e dos costumes e a lealdade étnica, evitando sua assimilação à sociedade majoritária e garantindo a sobrevivência da “colônia”.

Contudo, a filiação ao *homeland* por parte do migrante e de seus descendentes não é uma experiência total e é aí que entra a terceira etapa da diáspora, a “multiterritorialidade”.



Assim, a multiterritorialidade tem como condições básicas a presença de uma grande multiplicidade de territórios e sua articulação na forma de territórios-rede. Estes, (...) são por definição, sempre, territórios múltiplos, na medida em que podem conjugar territórios-zona (manifestados numa escala espacialmente mais restrita) através de redes de conexão (numa escala mais ampla) (HAESBAERT, 2005, p. 678).

A diáspora permite uma extraterritorialidade que é utilizada de acordo com as necessidades dos indivíduos e comunidades que a estruturam. A noção de “lar” é maleabilizada permitindo que os membros da diáspora aproveitem o melhor de seu *homeland*, realizando investimentos, fechando negócios, visitando parentes, viajando a turismo, etc., sem ter que necessariamente retornar para ele, podendo capturar de forma concomitante as oportunidades que a diáspora oferece, como a possibilidade de desfrutar de melhor qualidade de vida no *hostland* de residência ou pelo fato de já ter estruturado toda uma vida no novo país, por exemplo. Eles vivenciam múltiplos territórios e possuem múltiplas identidades: a do país de origem e a do país onde vivem (COHEN, 2008; HAESBAERT, 2005, 2013).

Além da função desse bairro como território para seu grupo étnico, também podemos pensá-lo como elemento importante no processo de construção da cidade de São Paulo. A cidade se modifica de acordo com a transformação da sociedade ao longo tempo, ela é um eterno devir por processos múltiplos de construção e de destruição de imagens, é sempre uma “obra inacabada”. A célebre diferenciação de Henri Lefèbvre entre os termos cidade e urbano continua válida: “A cidade é uma morfologia material, é a realidade presente, imediata, dado prático-sensível arquitetônico, e o urbano é uma morfologia social, é realidade social, composta de relações concebidas, construídas e/ou reconstruídas.”

Espaços Étnicos e as possíveis relações com o ensino de Geografia

A investigação permitiu diagnosticar que o espaço étnico funciona como eixo de integração comunitária, marcando elementos arquitetônicos asiáticos na paisagem urbana de São Paulo, como forma de “recriar” o país de origem na metrópole paulista. Ao mesmo tempo em que tais elementos exercem a função de delimitar as fronteiras desses territórios que foram construídos por essas comunidades alóctones, balizando onde termina, nesse caso, a “São Paulo brasileira” e onde começa a “São Paulo asiática”, também sinalizam as fronteiras culturais dos

indivíduos dessas comunidades. Em síntese, eles sentem-se ligados às duas pátrias, pois exclamam que suas origens estão em outro lugar, embora o seu lar seja o Brasil.

Além disso, esses espaços servem como portas de entrada para as informações, pessoas e mercadorias provenientes da terra natal dos imigrantes. O enclave étnico amortece o impacto de viver em um país com uma cultura e hábitos estranhos aos seus membros, viabilizando a solidariedade e o empreendimento étnicos, fornecendo-lhes sustento nos primeiros anos no novo país e possibilidades de financiamento para os empreendimentos nascentes. As atividades comerciais praticadas pelos imigrantes dependem do espaço étnico, porque envolvem a comercialização de seus produtos culturais, como alimentos típicos, novelas em DVD e CDs de música da terra natal, por exemplo, voltada primariamente para os membros da comunidade de imigrantes que frequentam os bairros.

A dinâmica dos processos urbanos também está marcada no bairro, entre eles podemos citar o deslocamento social e cultural do espaço. O Bom Retiro abrigava no final do século XIX, chácaras onde vivia a elite paulistana, mas o processo de industrialização e de urbanização da cidade transformaram esses bairros “nobres” em bairros “operários”; os casarões mudaram a sua função e transformaram-se em pensões e cortiços para os imigrantes judeus, italianos, portugueses e espanhóis recém-chegados que buscavam aluguéis a preços baixos, e quase um século mais tarde, deram lugar a confecções e empreendimentos comerciais de imigrantes coreanos. Isso também demonstra que esses espaços foram “reapropriados” por um interesse econômico de transformá-los em pontos turísticos que gerassem renda para a comunidade.

Após a sistematização dos dados obtidos na pesquisa de campo e nas fontes consultadas houve a preocupação em considerar como os resultados desta pesquisa seriam divulgados e de que forma uma investigação sobre coreanos em São Paulo poderia contribuir para um maior conhecimento da cidade e do lugar investigado.

Os discursos geográficos e pedagógicos chegam à escola por meio de materiais didáticos, normas institucionais, Diretrizes e pareceres legais vindos do Ministério da Educação via diretorias de ensino, entre outras. Se os materiais didáticos ainda patinam na herança das monografias regionais que abordam o todo de forma fragmentada, uma pesquisa como esta poderá contribuir em estudos e possíveis abordagens das identidades regionais nas aulas de



Geografia, sendo inseridas nas competências específicas de Ciências Humanas e Sociais aplicadas para o Ensino, conforme normas vigentes.

A discussão e desenvolvimento de conceitos estruturais da Geografia como espaço, lugar, território podem ser contemplados utilizando situações vividas por pessoas que fazem parte da sociedade contemporânea. As concepções de identidade e lugar, território e territorialidades, por exemplo, trabalhadas com múltiplos olhares, ratificam a função da escola também como acolhedora e inclusiva com o imigrante que fala com sotaque, tem paladares diversos e traz inclusive, diferentes visões de mundo.

Pensando no Ensino Médio, a migração oriental pode ser abordada no desenvolvimento de duas competências principais: a) “Analisar a formação de territórios e fronteiras em diferentes tempos e espaços, mediante a compreensão das relações de poder que determinam as territorialidades e o papel geopolítico dos Estados-nações”. b) “Analisar as relações de produção, capital e trabalho em diferentes territórios, contextos e culturas, discutindo o papel dessas relações na construção, consolidação e transformação das sociedades”.

Esses dados sobre migrações contemporâneas e as redes de solidariedade, mesmo com as especificidades mostradas contribuem para o professor/a trabalhar com as habilidades da nova BNCC como a (EM13CHS504) na análise e avaliação dos impasses resultantes das transformações culturais, sociais, históricas, científicas e tecnológicas no mundo contemporâneo.

Vale acrescentar também os impasses éticos, políticos e seus desdobramentos nas atitudes e nos valores de indivíduos, grupos sociais, sociedades e culturas que podem ser exemplificadas no processo de produção do espaço urbano paulista.

A pesquisa terá continuidade nesta direção o que suscitará novas indagações, perguntas e sistematizações. O estudo do meio constituirá um caminho metodológico rico para o desenvolvimento e desdobramentos posteriores da investigação que segue o seu curso.

Referências bibliográficas

COHEN, Robin. **Global Diasporas: An Introduction**. Abingdon: Routledge, 2008.

FARIA, Gentil Luiz de. *Beyond the Stereotypes of Orientalism: the Literary Image of Korea in*



Brazil. In: International Comparative Literature Association Congress, 2010, Seoul. **Conference Proceedings**. Seoul: International Comparative Literature Association, 2010, p. 1-13.

FREITAS, Patrícia Tavares de. Imigração e Trabalho: determinantes históricas da formação de um circuito de subcontratação de imigrantes bolivianos para o trabalho em oficinas de costura na cidade de São Paulo. In: XVII Encontro Nacional de Estudos Populacionais, 2010, Caxambu. **Anais**. Belo Horizonte: ABEP, 2010, p. 1-21.

FREITAS, Sônia Maria de. Corea en el Barrio de Bom Retiro. In: BANCO INTERAMERICANO DE DESARROLLO. **Cuando Oriente llegó a América**: contribuciones de inmigrantes chinos, japoneses y coreanos. Washington D.C.: 2004, p. 297-311.

HAESBAERT, Rogério. Da Desterritorialização à Multiterritorialidade. In: X Encontro de Geógrafos da América Latina, 2005, São Paulo. **Anais**. São Paulo: USP, 2005. p. 6774-6792.

_____. Da Desterritorialização à Multiterritorialidade. In: XV Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional, 2013, Recife. **Anais**. Recife: ANPUR, 2013. p.1769-1777.

KIM, Yoo Na. **A jovem Coreia**. São Paulo: SSUA Editora, 2008.

MERA, Carolina. **Diáspora coreana en América Latina**. Buenos Aires: Centro de Estudios Corea Argentina, 2005.

MINISTRY OF FOREIGN AFFAIRS AND TRADE. **Current Status of Overseas Compatriots**. Seoul, 2013. Disponível em: <http://www.mofa.go.kr/travel/overseascitizen/index.jsp?menu=m_10_40> Acesso em: 16 mar. 2019.

PARK, Kye-Young et al. **The Second Generation of Koreans in Brazil: A Portrait**. Los Angeles: UCLA Center for Korean Studies, 2009.

SILVA, Sylvania Maria Portela; PARK, Eun Yung. O papel das igrejas protestantes na formação das redes sociais da comunidade coreana no Brasil. In: VI Encontro Nacional de Estudos



Populacionais sobre Migrações da ABEP, 2009, Belo Horizonte. **Anais**. Belo Horizonte: ABEP, 2009 p. 1-12.

SOARES, Sandra. Coreanos são sucesso no Bom Retiro. **Veja São Paulo**, São Paulo, 7 out. 2009. Disponível em: <<http://vejasp.abril.com.br/materia/coreanos-sao-sucesso-no-bom-retiro>> Acesso em: 16 mar. 2019.

SOUZA, Marco. Imagem Urbana e Identidade Cultura: Expressões Midiáticas na Comunicação Bilíngue do Bairro da Liberdade, **ABEJ Papers**, São Paulo, p. 1-13, abr. 2008. Disponível em:
<http://www.estudosjaponeses.com.br/downloads/Papers_Marco_Souza_2008_Abr.pdf>
Acesso em: 14 mar. 2019.

TRUZZI, Oswaldo Mário Serra. Etnias em convívio: O bairro do Bom Retiro em São Paulo. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 28, p. 143-166, 2001.

YANG, Eun Mi. A “**Geração 1.5**” dos coreanos em São Paulo: identidade, alteridade e educação. 2011. 506 p. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.